

6

Ponto de chegada: “*Nós somos a História da Educação*”.

(...) sem estudar o Colégio Pedro II, não se compreende a instituição pública nacional”.

(Segismundo, 1987)

Esta foi a reação de um aluno do 3º ano do Ensino Médio quando acabei de expor que estava investigando as características existentes na Unidade Humaitá II, que possibilitam ao Colégio Pedro II ser detentor de desfechos escolares socialmente valorizados. Em se tratando de um jovem que ingressara na Unidade no 1º ano do Ensino Fundamental, podemos afirmar que seu orgulho e identidade institucional compõem um capital simbólico que lhe confere legitimidade para tal enunciado. A segurança para sintetizar o que o Colégio representa advém de uma escolarização em um estabelecimento que ainda detém o monopólio das referências identitárias (Dubet, 2002) e que confere aos seus alunos marcas de distinção que destacam seu valor no espaço social.

6.1

O tom emocional de uma escola pública de excelência

O cotidiano da escola se constitui em um conjunto de tempos e espaços ritualizados. A dimensão simbólica é expressa pelos integrantes do ambiente escolar, através das posturas, dos gestos e dos diálogos acompanhados de sentimentos (Cardoso, 2001). Na Unidade Humaitá II, analisamos percepções, disposições e sentimentos produzidos na convivência dos que participam do ambiente escolar e, além de identificar estes aspectos nas atividades do dia a dia, acompanhamos outras formas de rituais presentes nas comemorações em geral, que evidenciaram uma identificação institucional que pode ser interpretada como um “sentimento geral afinado” (Mafra, 2003) com esta Unidade Escolar.

As características do corpo docente, as relações estabelecidas na escola, a percepção dos agentes sobre o ambiente institucional, a composição do corpo discente e o senso de pertencimento dos agentes escolares, foram as categorias explicativas do clima escolar e da constituição da identidade da escola investigada.

Algumas questões detectadas no trabalho de campo - frequência baixa de alunos as atividades promovidas pela escola para sanar as dificuldades de aprendizagem, um sistema de avaliação em 70% exclusivamente centrado em provas e medidas, regras disciplinares que não parecem tão explícitas e aplicadas indistintamente – e que foram apontadas pelos agentes escolares, não nos permite diagnosticar negativamente a experiência escolar aqui estudada.

A inserção no contexto escolar deste estabelecimento de ensino, apoiada na interlocução com os autores sobre clima escolar possibilitou-nos traçar um quadro dos fatores intrainstitucionais da Unidade Humaitá II que se destacam na produção de um clima de excepcionalidade pró-aprendizagem e de *habitus* escolares favoráveis ao bom desempenho: situação funcional, experiência e formação dos agentes escolares, equipes estáveis, mobilização dos professores, responsabilidade coletiva pela aprendizagem, respeito mútuo, boas relações interpessoais, ambiente físico seguro e agradável, etc.

Esses e outros fatores se apresentam alicerçados num vigoroso senso de pertencimento e identificação com o que a escola representa e por isso o relato dos rituais que são a perfeita tradução do *ethos* institucional que proporciona elevadas motivações para os integrantes desta instituição de ensino.

Na nossa pesquisa empírica, inferimos que esses momentos não se reduzem a garantir uma vida escolar mais interessante e desenvolver os laços de solidariedade entre o grupo, na Unidade Humaitá II representam a celebração de laços já estabelecidos. “Pertencer é ter e ser parte da alma de um lugar, na sua elasticidade afetiva e cultural” (Paiva, 2008). Esse era um dos sentimentos percebidos nos momentos de atividades “extras”, isto é, nos momentos de suspensão da rotina no cotidiano escolar. Diante deste campo tão rico, decidimos tomar como elementos para as considerações finais as festividades, encontros que tão bem expressaram os aspectos constitutivos do clima escolar da Unidade investigada.

A festa junina: “Pedro II eterno”

A festa junina do Humaitá II é bem concorrida, tem venda prévia de ingressos e ocupa toda a extensão da Unidade. As barracas de doces, salgados e brincadeiras são de responsabilidade dos alunos, mas vi alguns funcionários

ajudando a servir os dois tipos de refeições (estrogonofe e caldo verde) em mesas improvisadas. Reconheci um professor numa caixa vendendo tíquetes. Na barraca de bebidas encontrei uma das senhoras da limpeza, serviço terceirizado no CPII.

Neste dia, a Unidade não recebe somente funcionários, alunos e seus familiares²⁷¹, fica tomada por ex-alunos, alguns formados recentemente, outros há mais de dez anos. Eles não escondem o prazer em voltar à escola, participar da quadrilha dos ex-alunos e reencontrar os vários amigos²⁷². Conversei com alguns ex-alunos, um tinha se formado há nove anos. Atualmente trabalha como contratado no Programa de Pós Graduação de Antropologia Social do Museu Nacional e todo ano comparece à festa junina. Diz que não perde essa festa, que tem muito prazer em voltar ao HII porque reencontra vários amigos.

No refeitório havia música eletrônica. Esse espaço funcionava como uma espécie de discoteca, mas a empolgação estava na quadra de esportes, onde as equipes disputavam a performance na apresentação de danças com coreografias inventadas pelos grupos. É, acima de tudo, um grande encontro da comunidade com ex-alunos. Sua dinâmica garante o interesse dos atuais estudantes, eles formam equipes (podem ser de séries misturadas) que são responsáveis pelas barracas, ornamentação da escola, danças (forró e quadrilha) e arrecadação de roupas, brinquedos e alimentos (que serão doados). Recebem pontos por essas atividades e pelo desempenho nas gincanas relâmpago que acontecem durante a festa (cinto mais comprido, carteira de identidade com data mais antiga, a dança, etc.).

Por ter ficado um bom tempo nas arquibancadas da quadra de esportes, pude sentir e ouvir dos próprios alunos presentes, e principalmente dos ex-alunos, a alegria e o bem estar por participarem daquele evento. Num momento jogam uma professora para o alto, em outro puxam a ‘tabuada’, que diz o seguinte:

²⁷¹ A festa junina do Humaitá II foi organizada basicamente por alunos e frequentada, além destes, por alguns responsáveis, muitos ex-alunos, encontrando-se também em menor número, professores, ex-professores e ex-responsáveis.

²⁷² A impressão da importância desse momento se concretizou, quando vi que os alunos da 8ª série/2006 da Unidade Humaitá II fizeram questão de fazer um registro da festa junina no Almanaque Histórico editado pela Folha Dirigida na comemoração dos 170 anos do Colégio. Escreveram um pequeno texto fazendo alusão ao “micão” que pagam os funcionários e professores que se fantasiam, cantam e brincam na gincana dos alunos.

*Ao Pedro II, tudo ou nada?
Tudo!
Então como é que é?
Tabuada!
Três vezes nove vinte e sete
Três vezes sete vinte e um
Menos doze ficam nove
Menos nove fica um
Zum, zum, zum. Paratibum!
Pedro Segundôooooooooooooô!*

No momento que eles chamavam de “*A hora da saudade*”, dá-se a apresentação da quadrilha dos ex-alunos. Observei que eles lotavam a quadra, tentei contar os participantes e cheguei a 120. Este grupo também puxou a tabuada ao final da dança. A assessora da direção, que comandava o microfone, disse: “*Valeu galera, foi muito bom tê-los de volta na casa*”.

E, por fim, o último evento da festa: a quadrilha do 3º ano. A este grupo, que em quantitativo era um pouco menor que o dos ex-alunos, misturavam-se os que haviam participado das diversas equipes, rolava um ar de despedida.

Chegando ao final da apresentação, todos entoaram: “*Soltou os capetas, ninguém mandou soltar, CPII, 3º ano, Humaitá*”! Em seguida, também puxaram a ‘tabuada’. A professora que comandava o microfone gritou: “*Até o ano que vem na quadrilha dos ex-alunos*”! No que todos gritaram: “*Hêeeeeeeeeeeeeeee*”. E foram saindo da quadra obedientemente.

Poderia se chamar ‘festa da confraternização’, pois a dimensão simbólica encarnada nas vozes e gestos corporais não deixava dúvidas, era um ritual de perpetuação dos laços criados na convivência no Colégio. Uma atividade como outras que “contribuem para tornar a escola viva e que, ao lado dos espaços/tempos do cotidiano escolar, exprimem a urdidura na qual a teia de significados que produzem a cultura é entrelaçada, criando, desse modo, a cultura da escola” (Cardoso, 2001). Nessa teia eles colocavam no mesmo pé de igualdade o Colégio Pedro II e a Unidade Humaitá, conforme constatamos no canto do 3º ano: “*Soltou os capetas, ninguém mandou soltar, CPII, 3º ano, Humaitá*”! Na verdade, em nenhum momento, esses nomes se separam para qualquer aluno de qualquer Unidade do Colégio.

Um depoimento de um ex-aluno do Humaitá II – Roberto Frota Pessoa, atualmente cirurgião chefe do Hospital Municipal Miguel Couto -, em entrevista a alunos da 8ª série de 2007, também faz referências a “*Tabuada*”:

“Fui aluno do Colégio Pedro II no Engenho Novo e no Humaitá. A ditadura começou no ano que eu saí do Colégio. Participei de manifestações no final do governo João Goulart, como o comício da Central do Brasil. (...) As imagens mais marcantes e as maiores emoções ocorriam quando eu puxava a *Tabuada*, às vezes em cima de um carro parado no centro da cidade, para mais de 1000 alunos, durante as manifestações” (...). (Almanaque Histórico, 2007)

São evidências da existência de um sentimento de pertencimento que não arrefece nos alunos, mesmo após a sua saída do Colégio, conforme explicitado na fala de outra ex-aluna, acentuando o que já era claramente perceptível, que até hoje sente emoção quando fala do Pedro II. Lembra que quando entrava no Colégio, sua sensação era de que estava entrando num lugar de **clima mágico**²⁷³.

As relações entre os indivíduos e o *ethos* escolar, esta qualidade do ambiente, eram prontamente perceptíveis na festa junina do HII, pelo envolvimento, principalmente, de alunos e pela adesão de ex-alunos. Ao final da apresentação de um grupo, os alunos levantaram um cartaz onde se lia: “**Pedro II eterno**”! O cartaz indica a incorporação, por parte dos alunos, de um aspecto da identidade deste estabelecimento de ensino. Aspecto bem descrito pelo historiador Escragnolle Doria quando evidencia a marca indelével daquele que fora “o padrão de ensino de humanidades e que traçara as normas a que a Educação Nacional obedecera por mais de um século (...) sem estudar o Colégio Pedro II, não se compreende a instituição pública nacional” (Segismundo, 1987).

A referência ao atributo de eternidade, por iniciativa dos jovens, aponta para a existência de uma cultura institucional que “aparece nas distintas vozes como uma espécie de refrão” (Bomeny, 2006) e comprova a influência da experiência escolar nas vidas (na formação) dos alunos.

²⁷³ Quando começamos nossa conversa, não fiz nenhuma referência ao clima. Por iniciativa própria ela referiu-se a um *clima mágico* do Colégio. Havia feito o antigo ginásio na Unidade Humaitá II (de 1970 a 1973) e o científico (atual ensino médio) na Unidade Centro. Os 32 anos de formada não impediram que seus olhos brilhassem ao tomar conhecimento do teor da minha pesquisa, imediatamente se dispôs a falar do seu tempo de estudante.

O almoço de fim de ano: a celebração de uma equipe

A atividade aconteceu no refeitório, detalhadamente regida pela diretora da Unidade com a ajuda de uma equipe²⁷⁴. As diversas mesas com lugares para quatro ou oito pessoas estavam com toalhas novas e enfeites, sobressaía também uma típica mesa brasileira de natal: peru, pernil, arroz à *la grega*, farofa, salpicão, etc. Tudo enfeitado com pêssegos, uvas e passas. A própria diretora, com algumas ajudantes, estava dando os retoques finais na arrumação desta mesa.

O momento foi aproveitado pelos professores que atuam na associação que representa os docentes, para atualizar e mobilizar os presentes para a questão mais premente do ano de 2007 (para uma parte da comunidade) que era a luta por eleições para a Direção Geral do Colégio²⁷⁵.

Começado o almoço, cada pessoa se servia diretamente na mesa grande, sob os olhos atentos da diretora²⁷⁶.

O almoço se desenrolou como costumam ser os eventos de confraternização de final de ano: bebidas, fotos são tiradas de vários grupos, elogios para a equipe que organizou o festejo (pessoal da limpeza, alguns funcionários), aplausos calorosos para alguns funcionários que estão presentes, sorteios, distribuição de brindes, etc.

A particularidade ficou por conta da presença de professores aposentados que não abrem mão das oportunidades de voltarem ao Colégio, das colocações da diretora ao microfone enquanto comandava o evento e em um dos brindes distribuídos para as pessoas presentes.

Uma das aposentadas presentes, que era bastante idosa e tinha sido diretora da Unidade, foi saudada pela atual: “[nome da ex-diretora], *minha eterna diretora*”!

²⁷⁴ Eu me aproximo do balcão da cozinha para cumprimentar a chefe de disciplina do 2º turno e descubro que ela capitaneava a feitura de todos os pratos servidos no almoço, ela também fizera as refeições servidas na festa junina do Colégio, em 20 de outubro de 2007.

²⁷⁵ Havia um sistema de som e um microfone, a palavra foi dada à coordenadora de Língua Portuguesa que era diretora da associação de docentes e a um professor de História, conselheiro desta mesma associação. Eles dão informes sobre o movimento iniciado pelas entidades representativas do CPII pela realização de eleição para Direção Geral do Colégio Pedro II. Em seguida, com a ajuda de outra professora conselheira, eles distribuem um panfleto com todos os informes sobre a eleição e uma agenda/2008 para cada associado da ADCPII.

²⁷⁶ Ela mesma ajudava a repor os pratos e caminhava entre as mesas para ver se todos estavam bem, ajudou a servir as sobremesas, etc.

Quanto aos brindes distribuídos, todos os objetos (uma bolsa plástica transparente com caneta, faca, garfo e uma caneca também de plástico transparente) traziam o logotipo do Colégio. Na caneca do tamanho de uma caneca de chopp, vinha escrito com letras azuis: “EX-ALUNO - 170 anos - Colégio Pedro II /1837 – 2 de dezembro – 2007/ Talentos sempre”. Havia também os nomes de todas as Unidades Escolares (ao lado do nome de São Cristóvão estava escrito Internato), o símbolo do Colégio e a *tabuada*.

Não deixou de ser um momento de consagração da instituição, que na verdade é reverenciada em toda e qualquer atividade que reúne seus integrantes. Nessas ocasiões todos parecem fortalecidos pelos aspectos identitários do Colégio – história, tradição, qualidade. Haja vista a diretora ter iniciado sua fala ao microfone noticiando que HII ganhara seis medalhas de ouro na Olimpíada de Matemática. Quando então houve muitos aplausos que foram a deixa para que ela reforçasse também o que vem a ser a marca auto proclamada da sua gestão, que é o trabalho em equipe: “*Parabéns para a melhor equipe da escola, uma direção sem uma equipe não faz nada*”!

A cerimônia de formatura do 9º ano de 2007: Família Pedro II

As cerimônias de formatura do CII costumam ser feitas no Auditório Mário Lago, que fica no Complexo Escolar de São Cristóvão, porque além dos 800 lugares disponíveis, conta com estacionamento fácil.

A observação das interações simbólicas permite esclarecer e interpretar os rituais que regulam o comportamento de um microsistema (Sierra, 1996), e, neste sentido, a cerimônia de formatura do 9º ano de 2007 foi o momento mais indicado para presenciar a celebração da centralidade do Colégio Pedro II na vida de adultos e jovens e o fortalecimento emocional advindo desta relação.

O pátio do auditório (repleto de parentes) fervilhava de agitação e muita alegria, todos queriam tirar fotos com familiares, amigos e professores. No lado de dentro do auditório, um clima pomposo, como costuma ocorrer nos momentos de celebração. No palco, uma mesa comprida forrada com pano azul com um símbolo bem grande do Colégio na parte da frente. Lugares reservados nas três primeiras fileiras para os alunos que estavam se formando. Assim que me viu, a

responsável pelo 9º ano da tarde me incluiu no evento, pedindo que eu ajudasse a tomar conta dos lugares reservados, encaminhando os parentes dos alunos para os outros assentos.

Quando o auditório de 800 lugares estava quase tomado, a cerimônia foi iniciada. Os professores homenageados foram chamados para ocuparem seus lugares à mesa: eram seis professores do HII e um professor do Humaitá I. Como já relatei no capítulo sobre o processo ensino-aprendizagem, eu tinha assistido aulas e entrevistado cinco dos seis professores homenageados do HII. Refleti que não poderia ser uma mera coincidência, afinal, professores acessíveis à pesquisa, que não hesitaram em disponibilizar suas salas de aulas e participarem de entrevistas, dispõem de predicados tais, ao ponto de serem justamente os escolhidos pelos alunos para receberem homenagens.

Nas turmas que estavam se formando, 42% dos alunos tinham vindo do Pedrinho, daí a escolha de um professor da Unidade Humaitá I para ser homenageado. Justamente este professor fora o que levara suas turmas do 5º ano para assistir uma das apresentações do Grupo Fazendo Arte, na Unidade Humaitá II e que, quando chegara com as crianças, fora saudado entusiasticamente pelos alunos do Ensino Médio que estavam nos corredores e até pelos que estavam em sala de aula.

Os alunos oradores se revezavam ao microfone referindo-se aos anos passados no Colégio: *“O Colégio Pedro II é a nossa segunda família, aprendi muita coisa desde o Pedrinho...”*. A referência ao Colégio como uma segunda família (segunda casa) se repetiu em vários momentos, inclusive no discurso final: *Desde que entramos nessa escola pela primeira vez, fomos apresentados a nossa segunda casa. Família Pedro II, ser amado e respeitado por todos (...).*

A denominação de uma escola como *segunda casa* é a expressão do sentimento de acolhimento que perpassou pela vida escolar dos jovens formandos. Lembremos que uma professora, dirigindo-se aos ex-alunos, disse: ... *“foi muito bom tê-los de volta na casa”*.

Falavam também um pouco de cada professor presente: *“Estudei com o professor [nome do professor], um professor de 67 anos que diz que irá morrer no Colégio...”* Por ter iniciado a vida como pesquisador e já ser aposentado numa matrícula, este professor tem uma idade mais avançada que os outros. Assisti uma

das suas aulas, mantinha a turma atenta fazendo comentários engraçados relacionados à disciplina Geografia.

O cenário da cerimônia de formatura ressaltava as dimensões culturais historicamente institucionalizadas no Colégio, e imediatamente me remeti a um depoimento que lera no Anuário Comemorativo do Centenário do Colégio (volume X - 1937-1938). Era uma crônica de um ex-aluno (Euclides Rosco) que se reportava a um professor chamado Fortunato Duarte, que apresentava características semelhantes ao professor homenageado - dava ao estudo do Latim²⁷⁷ tanto interesse, que todos tinham a impressão de estar estudando uma língua viva. Rosco lembrava que “ele era espirituoso, trepidante, mas sempre dentro da matéria da qual não fugia, pois as suas anedotas ressaíam do assunto da lição, uma ode a Horácio ou uma fábula de Fedro”. Sua turma foi a última que teve Fortunato Duarte como professor, pois ia aposentar-se depois de 35 anos ininterruptos de magistério e, segundo Rosco, o mestre afirmava: “*Quero dar a minha última aula com o mesmo entusiasmo que dei a primeira*”. O ex-aluno assegura que assim ele o fez.

Foi inevitável a lembrança deste relato, ao presenciar as homenagens dirigidas ao professor de Geografia, do qual os atuais alunos destacaram características similares a de um antigo professor do Colégio, era a reedição de uma lógica de cem anos atrás.

Nos discursos dos três paraninfos e da diretora havia referências ao ensino público, à importância e qualidade do Colégio, ao empenho, capacidade e sucesso dos alunos e à sensação do dever cumprido:

O professor de Geografia enfatizou:

Alcançar conhecimentos não é tarefa simples. Não basta a instituição e seus professores estarem preparados. É primordial que seus alunos saibam concentrar-se nos estudos para que se tornem receptivos (...), que sempre recuperem as informações compreendidas e as habilidades alcançadas para imediatamente após obterem novos e mais aprofundados conhecimentos. Caso não o consigam verão como muitas instituições de ensino do Brasil atual, inclusive de níveis superiores, tornam-se simples repetidoras de conhecimentos elementares. Sou testemunha que nossos formandos não somente sabem estudar como percebem por onde devem e podem avançar (...). Caso os alunos mantenham no Ensino Médio e nos níveis seguintes o mesmo interesse pelas letras, artes e ciências, o Colégio Pedro II continuará comprovando que o ensino deve ser público e

²⁷⁷ O Latim fez parte do currículo do Colégio até a segunda metade dos anos 90 do século passado.

universal, gerando novas coortes de brasileiros aptos e responsáveis, capazes de estabelecer um longo processo de desenvolvimento sustentável, onde a justiça é sempre o objetivo e as espertezas individuais, que tanto prejudicam o avanço do coletivo, sejam finalmente afastadas do nosso país.

Um outro professor homenageado se inseria numa condição oposta ao professor que suscitara lembranças antigas, ele era contratado e estava no seu primeiro ano no Colégio. Sua escolha pelos alunos comprova que a cultura do Colégio é marcada pela hegemonia de uma lógica que desencadeia configurações culturais integradoras (Torres, 2005), pois, mesmo lecionando provisoriamente na Unidade Humaitá II, discursou numa posição de personagem totalmente integrado na configuração institucional do Colégio:

O corpo docente está com uma sensação de dever cumprido por ter dado educação pública de alta qualidade para as pessoas que estão aqui. E eu tenho certeza que todos os formandos aqui presentes terão um futuro promissor.

Um dos professores fez questão de ressaltar o reconhecimento das boas condições para o exercício do magistério na instituição:

O Colégio Pedro II que com seus 170 anos de profícua existência, oferece ao professor condições de buscar formas cada vez mais eficientes de transmitir os conhecimentos e assim preparar melhor os alunos pré-adolescentes e adolescentes para no futuro superarem as incertezas do mundo atual, transformando-as em alavancas para um desenvolvimento sustentável.

Foram feitas várias referências ao relacionamento mantido com os alunos:

(...) A gente pode se sentir a vontade para expressar esse turbilhão de sentimentos que vocês expressaram por mim, que me cativaram tantas vezes. Muitas vezes me deixando sem palavras, sem argumentos.

E a direção destacou a atuação em equipe:

O segredo dessas conquistas e o sentimento do dever cumprido estão em jamais esquecer que é um trabalho de equipe... A seleção brasileira de vôlei... não é campeã do mundo e pan-americana por acaso. Seu treinador Bernardinho é o primeiro a admitir que o Brasil não tem jogadores melhores que os outros países competitivos, mas tem um time melhor. A consciência de que todos chegarão juntos ou nenhum chegará, é muito forte (...). Guardadas as devidas proporções com o time do Bernardinho e o time da Unidade Humaitá II, é assim que procuramos desenvolver nosso trabalho.

A cerimônia se encerra com as palavras de um dos alunos oradores:

Desde que entramos nessa escola pela primeira vez, fomos apresentados a nossa segunda casa. Família Pedro II, ser amado e respeitado por todos (...). Agora, para finalizarmos, convidamos a todos para cantarmos o hino do Colégio.

Nós levamos nas mãos
O futuro de uma grande e brilhante nação
Nosso passo constante e seguro
Rasga estradas de luz na amplidão

(...)

Vivemos para o estudo, soldados da ciência
O livro é nosso escudo e arma, a inteligência
Por isso, sem temer, foi sempre o nosso lema
Buscamos no saber a perfeição suprema.

A vivência de um processo de escolarização que inclui nos rituais a sugestão de que se *leva nas mãos o futuro de uma nação*, modela personalidades singulares que, ao incorporarem tradições, valores e normas de uma instituição que transmite o sentimento de ser a História da Educação Nacional, certamente assimilam uma marca de distinção no campo social.

As atividades relatadas nesta seção expressam a forma como os membros deste estabelecimento percebem o ambiente escolar, que inclui diversos sentimentos relacionados a orgulho, magia, distinção e acolhimento. O relato de alguns aspectos perceptivos e subjetivos evidencia a herança e a manutenção de uma imagem predominante positiva da instituição na percepção dos atores escolares.

6.2

A dimensão exterior de uma identidade institucional: o reconhecimento de uma grandeza

“Vocês não podem imaginar como é emocionante estar aqui neste Colégio Dom Pedro II, sobre o qual eu tanto li e que de alguma maneira se confunde com a História da Educação no Brasil, com a história da cultura brasileira”.
(Catedrático Sergio Paulo Rouanet, em 10/10/2007)

A Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro dedicou, em dezembro de 2008, um número especial da sua revista – a Revista

Contemporânea de Educação - ao Colégio Pedro II. No editorial justifica esta decisão devido à importância da instituição para a História da Educação Brasileira.

Vários aspectos são ressaltados na publicação, dentre os que dizem respeito ao nosso estudo apontamos a referência à permanência do Colégio Pedro II em “um país onde tudo parece recente e provisório, onde os sistemas públicos de educação sofrem com a instabilidade das políticas” (Cavaliere, 2008).

Assinando o editorial, a coordenadora do Programa da Pós-Graduação reporta-se às informações contidas no Projeto Político Pedagógico do Colégio e enfoca o percentual de professores (75%) que tinham títulos de especialização, mestrado ou doutorado no ano 2005. Afirma que, com os novos concursos, esse índice deve ter aumentado, “Mantendo o forte espírito de corpo, típico da identidade institucional do Colégio” (idem, 2008), que é reforçado pela frequência com que os próprios professores tornam-se seus pesquisadores.

Lembra que o Colégio oferece vagas para estágio curricular na formação de professores, recebendo licenciandos de várias universidades da cidade, públicas e privadas. É um importante parceiro das licenciaturas da UFRJ, recebendo, somente dessa instituição, cerca de 200 universitários por ano.

Um celeiro de virtuosos

O Projeto de Leitura Cem anos sem Machado de Assis, desenvolvido pelos professores de Língua Portuguesa do Colégio, relatado no capítulo sobre o processo ensino-aprendizagem, promoveu na Unidade Centro um dia de debates sobre os desafios da formação do leitor machadiano. Sua programação previa mesas redondas para as quais foram convidados professores da UNICAMP, da UFRJ e da ABL. Algumas falas desses participantes estão registradas e analisadas neste capítulo porque caracterizam a dimensão exterior da construção da identidade do Colégio Pedro II e da Unidade Humaitá II.

Oportunidades muitas já tivemos de estar presentes em eventos acadêmicos promovidos por diversas instituições educacionais da cidade e do país, porém nenhuma se igualou a esta atividade, no tocante a incorporação por elementos externos de significados pertinentes a uma identidade institucional.

As opiniões sobre o Colégio, que invariavelmente iniciavam as falas dos convidados, foram uma clara demonstração de percepção e reconhecimento de um *ethos* escolar distintivo que contamina mesmo àqueles que não integravam a escola.

A professora Marisa Lajolo (UNICAMP), iniciando sua exposição:

Receber um convite para falar sobre o Machado no Rio de Janeiro é uma honra muito grande. E falar de Machado no Rio de Janeiro, e no Colégio Pedro II, é inominável. É uma coisa maravilhosa para quem, como eu, trabalhou tanto e deve tanto ao que essa casa fez em termos de produção cultural e de registro de memória cultural do Brasil.

O catedrático Sergio Paulo Rouanet (ocupante, desde 1992, da cadeira número 13 da Academia Brasileira de Letras):

Vocês não podem imaginar como é emocionante estar aqui neste Colégio Dom Pedro II, sobre o qual eu tanto li e que de alguma maneira se confunde com a História da Educação no Brasil, com a história da cultura brasileira. Os maiores nomes da elite do 2º reinado e também do século XX, se formaram por esse Colégio. Não tem nada mais aurático do que contemplar esta sala, onde tantas conferências brilhantes foram feitas, certamente, honrados em muitos casos com a presença do Imperador. Perguntei agora, se ela [a coordenadora do projeto, professora da Unidade Humaitá] não tinha convidado o Imperador, ela me disse que sim, que ele estava impedido por alguma razão que eu não sei qual é.

Registro parte da palestra do professor de Prática de Ensino, da UFRJ, Armando Gens, porque suas palavras expressam algumas peculiaridades do Colégio como o ensino humanista e a tradição:

(...) Diante das novas orientações pedagógicas que proclamam subjetividade, temporaneidades, diferenças culturais, hipertextualidades, como se configuram a escola e a leitura? (...) Que espécie de escola os alunos estão frequentando? O que vem a ser a leitura nessa espécie de escola? (...) A escola como hoje a vemos, mostra-se demasiadamente aberta e sofre as consequências de querer ser a escola da vida. E se apresenta como espaço de socialização tão somente, restringindo-se a promover a mediação entre a família e a sociedade. O aluno é o cliente, usuário, receptor. O professor é o gerente, animador... As matérias são produtos, informações. (...) Há que se entender que a escola, enquanto espaço empenhado na educação formal, vem a ser responsável pela humanização. O mundo está fadado à ruína pelo tempo a menos que existam seres humanos designados a intervir, a alterar e a criar... Mas isso não se realiza se não houver um agudo senso de conservação, não conservadorismo, e responsabilidade. (...) Alunos e alunas possam ascender a humanidade como forma de enfrentar a barbárie. Por isso o ato de ler surge como um emblema de humanização... (...)

Por que o pequeno João não lê? Talvez essa pergunta encontre resposta no fato de que os responsáveis institucionais pelo ensino, professores, pais, pedagogos, teóricos e evidentemente homens políticos, se desinteressaram pela

finalidade da escola... A resposta também pode estar em que nós, professores, possamos dar mais atenção a esse excesso de abertura da escola e que se volte a pensar a humanidade, pois nessa perspectiva não há nada que possa substituir a leitura de Machado de Assis na escola, que o diga o Colégio Pedro II!

Não tive como avaliar o impacto de suas palavras para os docentes presentes ao seminário, apenas registro que não houve nenhum aparte que contradissesse suas concepções sobre as funções da escola. “*Diante das novas orientações pedagógicas que proclamam subjetividade, temporaneidades, diferenças culturais, hipertextualidades, como se configuram a escola e a leitura*”? A resposta pode ser retirada do texto do ex-Diretor Geral que abre o Almanaque Histórico elaborado pelos alunos, sobre o Colégio ele afirma:

Fugiu dos modismos, quando não comodismos educacionais, e repeliu a tese de liberalismo educacional, pois, para quem une efetivamente tradição e qualidade, o ‘laissez-faire, laissez-passer’, é incompatível com a escola pública, de massa e qualidade, o nosso Velho Novo Colégio Pedro II.

O professor Armando contrapôs barbárie e escola: “*Há que se entender que a escola, enquanto espaço empenhado na educação formal, vem a ser responsável pela humanização*”. O Colégio tem um currículo ainda forte em História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Línguas, provando que, apesar das mudanças, a sua tradição humanista não se perdeu de todo (Cavaliere, 2008) e tem protagonizado o papel de escola ícone de Educação Básica.

O evento contou com diversas atividades e para o qual foram liberados todos os professores que quisessem participar, mesmo que não lecionassem Língua Portuguesa, o que demonstra como já se registrou neste estudo, um claro entendimento da instituição de que a escola é local de desenvolvimento pessoal e social, não apenas para os alunos, mas também para os profissionais que a constituem.

O título desta seção (*Um celeiro de virtuosos*) justifica-se pelo destaque não planejado que os professores do Colégio tiveram em alguns momentos do Seminário.

Foram convidados especialistas em Machado de Assis para comporem as mesas do evento. As declarações desses especialistas também podem ser consideradas como confirmações da hipótese de que a excelência da Unidade

Humaitá II do Colégio Pedro II se deve, entre outras variáveis, à qualidade do seu corpo docente.

Um dos palestrantes declarou-se bastante honrado em poder contar com a colaboração valiosa dos professores do Pedro II na formação dos seus alunos, futuros professores. Frisou que seus estagiários são muito bem recebidos e orientados pelos docentes do Colégio.

Durante uma das mesas, outro convidado fez questão de ressaltar o conhecimento, por parte de uma professora do Colégio, sobre a poesia de Machado de Assis. Esta professora mediava o debate sobre este tema e fora orientanda de mestrado do palestrante (professor da UFRJ), que declarou na sua fala inicial que ela era a perfeita tradução da discípula que superou o mestre. Avaliação que se confirmou quando ele cedeu a última pergunta feita por um participante para esta professora, que falou com maestria sobre a influência da ópera italiana na poesia de Machado de Assis. Acrescento que a coordenadora do Projeto tinha feito mestrado e doutorado sobre o autor. São evidências da qualidade dos profissionais que estão à frente da escolarização dos alunos do Colégio, delineando projetos pedagógicos bem sucedidos.

A nossa longa permanência no campo possibilitou experimentar como as interações dos agentes escolares em uma escola pública encontram condições de construir um clima institucional que se traduz num cenário de aprendizagens significativas.

Que o ponto de chegada desta pesquisa, transmude-se no ponto de partida para as políticas públicas reverterem a realidade da oferta irregular de ensino nas escolas públicas do nosso país.